

EDITORIAL

O número 12 da Revista de História de Arte - Série W resulta de uma seleção de artigos apresentados na conferência internacional *Campos de Colaboração nas Práticas Artísticas Contemporâneas*, coorganizada pelo Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA), o Instituto de Filosofia (IFILNOVA) e o Instituto de História de Arte (IHA) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O evento decorreu entre os dias 19 e 20 de novembro de 2019, em Lisboa, na Culturgest - FCGD, instituição parceira na organização do evento.

Foram várias as motivações que conduziram à organização deste evento, entre elas a convicção de que a colaboração nas artes é um fenómeno global que emerge ciclicamente, sobretudo em momentos de grande incerteza (Kester, 2011). Historicamente, as práticas colaborativas estão muitas vezes associadas a uma reflexão sobre os modos de produção da arte, bem como a uma maior liberdade de experimentação formal e autoral. A colaboração é por isso um conceito lato sob o qual se desenvolvem práticas artísticas coletivas, participativas e comunitárias.

Ainda assim, e apesar da predominância da colaboração nas práticas artísticas, verifica-se uma escassez de estudos sobre o desejo dos artistas de trabalharem em grupo e de partilharem uma voz coletiva (Stimson, Sholette, 2007). Para além disso, é igualmente notória a cooptação dos processos de colaboração no contexto do capitalismo, no sentido da flexibilização e precarização do trabalho (Deleuze, 1992; Chiapello, Boltanski, 2007). À luz destas contradições,

revelou-se oportuno refletir sobre o papel da colaboração no contexto socioeconómico atual, e particularmente sobre o modo como as artes poderão contribuir para criar uma outra percepção acerca do potencial e do valor das práticas colaborativas (De Wachter, 2017).

No contexto da preparação desta conferência foram distribuídos cartazes por diferentes instituições artísticas e culturais do país, nos quais podia ler-se: Poderá toda a arte ser considerada colaborativa? O que terá motivado tantos artistas, nas últimas décadas, a organizarem-se em coletivos ou a participarem em projetos colaborativos? Terá a colaboração nas artes um papel preponderante na redefinição do campo artístico e na produção de novas subjetividades? De que modo as práticas artísticas colaborativas vêm questionar noções de autoria?

Em resposta ao repto, um conjunto de artistas e investigadores procurou refletir sobre a colaboração nas práticas artísticas, explorando o modo como esta enforma processos de criação, problematiza questões estéticas e políticas e gera novos modelos de produção, relação e organização, atravessados por conflitos, tensões e disputas. O evento contou com três apresentações de oradores convidados, uma mesa redonda e seis painéis temáticos nos quais foram também incluídas intervenções performativas, cruzando-se assim saberes teóricos e artísticos. Deste modo, a conferência procurou mapear algumas das questões suscitadas pelo trabalho em coletivo e em plataformas de cooperação artística, tendo ficado demonstrado o carácter simultaneamente híbrido e singular de alguns destes projetos. Pareceu-nos, por

ANA AZEVEDO
BENEDITA PESTANA
FILIPA CORDEIRO
MARGARIDA BRITO ALVES
MAURA GRIMALDI
RAQUEL ERMIDA

isso, importante e necessário avançar com uma publicação que permitisse melhor sistematizar e aprofundar muitas das questões levantadas ao longo da conferência.

Nesse sentido, os textos que aqui se reúnem procuram precisamente analisar o fenômeno da colaboração a partir de ângulos distintos, mas comunicantes.

Fire Up Your Imaginary!, da autoria das historiadoras de arte suíças Catherine Quéloz e Liliane Schneider, é o ensaio-performance que abre esta edição e no qual são abordados os conceitos de *cuidado* e *atenção* sob uma perspectiva política e filosófica, que os apresenta enquanto atividades coletivas, do *comum*, necessárias ao processo de criação de alianças e de reparação de um *mundo conturbado*.

Depois da participação na conferência dos dois membros fundadores do coletivo SOOPA, Jonathan Saldanha e Filipe Silva, o grupo portuense disponibiliza, agora em acesso livre, um documentário realizado em 2010. Este filme percorre os 20 anos de intensa produção desta plataforma de criação internacional organizada em torno de um grupo de artistas e pensadores. Em diálogo com esse trabalho, a dupla Maria Mire e Aida Castro assina o ensaio inédito ***SOOPA: Que som é aquele?***, refletindo sobre o cosmos que é o vasto território de atuação da SOOPA.

Já ***Relato Mediado*** é uma conversa entre três intervenientes - Francisca Caporali, fundadora e coordenadora do JA.CA; Tobi Maier, crítico de arte, curador e docente; e Maura Grimaldi, artista e investigadora - que desdobra o exercício de discussão iniciado aquando da conferência. Esta troca de ideias teve como ponto focal o trabalho desenvolvido pelo

coletivo brasileiro JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia (situado em Belo Horizonte, no Brasil) e procurou refletir sobre os diferentes desafios que se vão impondo a uma estrutura comunitária e com diferentes valências artísticas como esta que, atualmente, conta 11 anos.

A abrir o dossier de artigos que passaram por um processo de revisão cega por pares, apresenta-se ***Women-only Collectives in 1970s Italy. Tracing the Genealogy of Collective and Art-led thinking through the Recent History of Italian Feminisms***, da autoria de Camilla Paolino. O texto procura traçar uma genealogia dos coletivos feministas italianos dos anos 1970, desenvolvendo ainda uma análise das práticas, estratégias e metodologias adotadas pelos três coletivos que são tomados enquanto estudos de caso e cujas ações tinham como alvo o mundo da arte e da cultura.

Segue-se o ***Ensaio Audiovisual a partir da Conferência Performativa Girlschool: Processo e Prática***, concebido pela dupla composta por Alice Geirinhas e Susana Mendes Silva. A reflexão incide sobre o projeto de aulas performativas que criaram em 2016 e no qual trataram temas ligados à arte e à sexualidade. As artistas refletem ainda sobre o modo como colaboram e simultaneamente se relacionam com os participantes, trazendo à discussão as preocupações éticas e políticas associadas ao projeto, bem como a forma como a experiência de docência de ambas influi na sua prática artística.

Em ***A Colaboração nas Artes do ponto de vista da Produção e Gestão Cultural: entre a Invisibilidade e o Desejo de Mudança***, Vânia Rodrigues discute o modo como os trabalhadores da cultura “experenciam o desígnio colaborativo”.

Tomando como referência as áreas de gestão e produção das artes performativas no atual contexto de crise pandémica, esta contribuição procura analisar as dinâmicas de colaboração que daí surgiram e identificar as contradições discursivas e práticas que ocorrem neste setor.

Por seu lado, Carla Cruz assina o artigo *The Mill Stories. Management as an (un)Artistic Practice*, no qual aborda o conceito de gestão do ponto de vista do artista, relatando a sua experiência enquanto investigadora, artista e voluntária do centro comunitário The Mill, situado no nordeste de Londres. Nessa perspectiva, reflete sobre o trabalho que desenvolveu no seio do projeto, avaliando o seu potencial e respetivas limitações, bem como as dificuldades sentidas em “produzir um gesto artístico [naquele] contexto”.

Alexandra do Carmo é a autora do texto *On Public Use: The Practice of Not an Alternative (In the Science Museum’s Contact Zone)*, no qual se analisa o trabalho do coletivo norte-americano, Not an Alternative (NAA). O artigo foca-se na análise do projeto *The Natural History Museum* desenvolvido pelos NAA no interior de duas instituições científicas americanas, e que procurou redefinir a funcionalidade do museu, bem como o *modus operandis* da crítica de arte institucional.

Intercessores e Autores no Cinema segundo Deleuze, da autoria de Susana Viegas, é a contribuição que se segue e que procura clarificar aquilo que Deleuze designou por “autor” e “coletivo”. A investigadora propõe que há na filosofia do cinema de Deleuze uma rejeição da ideia de autor enquanto indivíduo unificado, argumentando que é possível encontrar

na “politique des auteurs” diversas formas de agenciamento e de práticas colaborativas.

Em *A Prática enquanto Relação: Jim Carrey, Roger Rabbit, Art&Language e Musa paradisiaca*, Miguel Ferrão reflete sobre o trabalho desenvolvido pela dupla Musa paradisiaca (da qual faz parte) e o coletivo Art & Language, analisando, de um ponto de vista ontológico, a forma como ambos recorrem à conversação e à *polivocalidade* enquanto práticas colaborativas, num processo que se desenvolve “com e através do outro”.

A fechar este dossier, o artigo *Práticas Artísticas Colaborativas - Jogos de Confronto ou Jogos de Encontro?*, da autoria de Sílvia Pinto Coelho, parte da análise do filme documental *Grupo Puzzle* de Hugo Vieira da Silva (2001). O filme e o próprio Grupo Puzzle (1976) servem como ponto de partida para uma série de reflexões sobre os processos colaborativos nas artes, avaliando-se o potencial de produção de pensamento e de conhecimento que daí emerge, bem como a forma como este se inscreve no âmbito da Investigação Artística.

Por fim, apresenta-se uma versão editada da transcrição da mesa redonda sobre a *Colaboração na Arte Portuguesa*, na qual participaram António Olaió, artista; José Maia, artista e curador; Rita Fabiana, curadora; e Sandra Vieira Jürgens, curadora e investigadora, e que contou ainda com a moderação do artista e professor Samuel Silva. Nesta conversa percorreram-se os últimos 50 anos da arte em Portugal, discutindo-se a forte expressão dos processos de colaboração e de coletivização das práticas artísticas no panorama nacional.

Procurou-se assim refletir sobre diferentes níveis e práticas colaborativas, desde o período que antecede o fim da ditadura - no qual a colaboração tinha por base um gesto político e de resistência - à explosão de coletivos e de espaços independentes que teve lugar no Porto no início dos anos 2000. A análise deste movimento permitiu problematizar aspectos como a informalidade e a independência, o cruzamento disciplinar e a construção de comunidade artística.

Não poderíamos terminar sem deixar de agradecer a todas/os as/os autoras/es pelo importante contributo que as suas intervenções trouxeram à discussão, bem como a todas/os que dedicaram o seu tempo a aprofundar as suas propostas de análise e colaboraram na construção deste número da Revista de História da Arte dedicado aos Campos de Colaboração. Este trabalho não teria sido possível sem o precioso empenho da equipa de revisores que aceitou avaliar as dezenas de propostas que recebemos nas duas fases de revisão por pares. O nosso reconhecimento estende-se ainda aos profissionais da Culturgest - FCGD que connosco colaboraram na organização do evento, bem como aos Institutos de Investigação, pelo apoio concedido desde o primeiro momento. Os *Campos de Colaboração* foram, acima de tudo, uma possibilidade de encontro, desenhada por muitas mãos, e que resultou da sinergia entre diferentes organizações, investigadores e artistas.

BIBLIOGRAFIA

- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. 1999. *O Novo Espírito do Capitalismo*, São Paulo: Martins Fontes, 2009
- DELEUZE, Gilles. 1992. "Postscript on the Societies of Control", *October*, Vol. 59. (Winter, 1992), pp. 3-7
- KESTER, Grant H. 2011. *The One and The Many. Contemporary Collaborative Art in a Global Context*. Durham e Londres: Duke University Press
- SHOLETTE, Gregory; STIMSON, Blake (ed.). 2007. *Collectivism After Modernism. The Art of Social Imagination after 1945*. Londres: University of Minnesota Press
- WACHTER, Ellen Mara. 2017. *Co-Art: Artists on Creative Collaboration*. Phaidon Press Limited